



certos aspectos, qualidades boas e desejáveis; mas também podem se tornar extremamente más e perniciosas, se a vontade que deve usar estes dons naturais, e cuja constituição natural, por isso, se chama *caráter*, não for boa.

O mesmo acontece com os dons da fortuna. O poder, a riqueza, a honra, mesmo a saúde, e todo o bem-estar e contentamento com a sua sorte, conferem, sob o nome de *felicidade*, um ânimo que muitas vezes, por isso mesmo, desanda em orgulho, caso não exista também a boa vontade capaz de corrigir a sua influência sobre a alma e, ao mesmo tempo, o princípio complexo da ação.

Acrescente-se a isso que um espectador sensato ou imparcial, diante dos sinais de ininterrupta prosperidade de uma pessoa totalmente desprovida de qualquer traço de uma pura e boa vontade, jamais poderá sentir satisfação. A boa vontade parece assim constituir a condição indispensável do próprio fato de sermos dignos de felicidade. (...)

A boa vontade não é boa só pelo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar qualquer finalidade proposta, mas é boa somente pelo querer, isto é, em si mesma. E considerada em si mesma, deve ser avaliada em grau muito mais elevado do que tudo o que por meio dela puder ser alcançado em proveito de qualquer inclinação ou, se quiser, da soma de todas as inclinações.

0000000000000000000000

# Uma Árvore Com Raízes No Céu

## Mitologia e Filosofia Compartilham a Sabedoria Universal

Um Estudante de Teosofia

A mitologia hindu e a mitologia nórdica falam de uma árvore cujas raízes estão no céu, e cujos galhos e folhas estão na terra. Segundo os hindus, as folhas desta árvore são as escrituras sagradas – isto é, a sabedoria universal registrada em livros.

Do mesmo modo, a raiz última do nosso ser e da nossa vida é a nossa alma imortal, que, simbolicamente, está no céu. Os galhos e folhas da nossa existência – cortados de quando em quando para renascerem mais tarde em uma nova encarnação – constituem os vários aspectos da nossa alma mortal e do nosso organismo físico.

O filósofo grego Anaxágoras, que viveu de 500 a.e.C. a 428 a.e.C., pareceu estar plenamente consciente do fato de que o ser humano, em última instância, é como a árvore nórdica **Yggdrasil**, e como a árvore hindu **Ashwattha**.

Anaxágoras levava uma vida solitária e contemplativa. Morava junto à natureza, dedicado aos temas celestiais. Para dedicar seu tempo a temas eternos, havia entregue seu patrimônio material a membros da sua família.

Um dia perguntaram a Anaxágoras:

**“Não te preocupas nem sequer com o bem-estar da tua pátria?”**

Ele respondeu, enquanto apontava para o céu:

**“Cala a boca! Eu me preocupo muito com a minha pátria!” [1]**

A pátria de Anaxágoras era o Universo: e ele sabia que estava de passagem no plano físico.

NOTA:

[1] “Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres”, Diógenes Laertios, Editora da UnB, 1987, 358 pp., ver p. 49.

## A Pedagogia da Autonomia Cada Estudante é Um Centro de Ação Prática

Hoje existente em cerca de 14 países, a Loja Unida de Teosofistas é uma federação livre de estudantes independentes. A L.U.T. evita a formação de uma “burocracia espiritual” que dê lugar a uma casta de dirigentes e “sacerdotes”. Ela segue o critério da associação por afinidade interna. Desde um ponto de vista brasileiro, podemos acrescentar que esta visão epistemológica coincide, essencialmente, com a filosofia de Paulo Freire. Há motivos filosóficos profundos para a adoção prática desta “pedagogia da autonomia”. H. P. Blavatsky escreveu:

**“Cada um deve esforçar-se para ser um centro de trabalho por si mesmo. Quando o seu desenvolvimento interior tiver atingido um certo ponto, ele colocará, naturalmente, aqueles com quem está em contato sob a mesma influência; será formado um núcleo, ao redor do qual outras pessoas se reunirão, formando um centro a partir do qual a informação e a influência espirituais se irradiarão, e para o qual serão dirigidas influências superiores.” [1]**

Pela primeira vez desde 1875, esta perspectiva está nascendo, lenta e gradualmente, em língua portuguesa.

NOTA:

[1] “Five Messages To The American Theosophists”, H.P. Blavatsky, The Theosophy Company, Los Angeles, 1922, 32 pp., ver p. 04. (Primeira mensagem, de 1888.)

## A Cultura da Concentração

Robert Crosbie

A concentração, ou o uso consistente e persistente da atenção na direção de qualquer coisa que queiramos fazer, é reconhecida há muito tempo como o meio mais eficaz de chegar à completa expressão dos nossos poderes e das nossas energias. Os antigos chamavam de “unidirecionalidade” o poder de focar a atenção sobre um assunto ou objeto durante o tempo que for necessário, com a exclusão de todos os outros pensamentos e sentimentos. A

concentração é difícil de obter entre nós porque, na verdade, a nota-chave da nossa civilização é mais a *distração* do que a concentração.

São apresentados constantemente às nossas mentes objetos e assuntos que apontam para todas as direções. Uma coisa após a outra chamam a nossa atenção e em seguida nos afastam daquilo em que estamos nos concentrando. Assim, nossas mentes adquiriram a tendência de saltar de uma coisa para a outra; de voar para uma idéia agradável, ou para uma idéia desagradável; de ficarem passivas. Permanecer na passividade corresponde normalmente ao sono; excepcionalmente, tende à insanidade. Que nós tenhamos nos acostumado a estas distrações e não sejamos capazes de dedicar nossas mentes a determinada coisa por determinado tempo é algo que pode ser facilmente comprovado por qualquer um. Se alguém sentar-se e tentar pensar em uma só coisa – um só objeto ou assunto – por apenas cinco minutos, talvez bastem poucos segundos para que descubra que está a quilômetros de distância da coisa sobre a qual pretendia concentrar sua mente.

Temos primeiro que compreender o que o homem é, a sua real natureza, qual a causa da sua situação atual; e só depois disso poderemos chegar a qualquer concentração pura e verdadeira; só depois poderemos usar a mente superior e as energias que fluem dela. Porque as energias que usamos no corpo são de fato energias *transmitidas*, ou tiradas, da nossa natureza interior e espiritual, mas tão perturbadas e limitadas que não são poderosas. Necessitamos conhecer nossas mentes, e necessitamos *controlar* nossas mentes – isto é, a mente inferior, ocupada com coisas pessoais e físicas, e conhecida na fraseologia teosófica como *Manas* inferior. Este é o “órgão interno”, o princípio pensante, que os antigos descreviam como o grande produtor de ilusão, o grande responsável pela ausência de concentração. Porque não há possibilidade de obter uma real concentração até que o dono da mente possa colocá-la onde ele quiser, quando ele quiser, e pelo tempo que ele desejar.

Está escrito na obra “A Voz do Silêncio”, de H.P. Blavatsky: “A Mente é o grande assassino do Real. Que o discípulo mate o Assassino.” O discípulo, que é o Homem Real – o homem espiritual – deve atuar como tal. Ele tem que parar as mudanças e oscilações do seu princípio pensante e tornar-se calmo naquele conhecimento que é trazido pela contemplação da sua própria natureza real. O objetivo de todo progresso é a compreensão da verdadeira natureza própria de cada um, e o uso dos poderes que pertencem a ela. O obstáculo está no princípio pensante. NÓS somos os pensadores, mas não somos aquilo que pensamos. Se pensamos de modo errado, então todos os resultados dos nossos pensamentos e ações devem levar-nos a uma conclusão errada, ou a uma conclusão parcial, na melhor das hipóteses; mas se compreendermos que nós *somos* o pensador, e o criador – aquele através de quem surgiram todas as condições em que estivemos no passado, as condições em que estamos agora, e em que estaremos no futuro – então alcançamos o ponto de vista do homem Real, e é apenas ao homem Real que pertence o poder da concentração.

Para obter concentração, necessitamos compreender a classificação dos princípios do homem. Todos temos os mesmos princípios, o mesmo tipo de substâncias e o mesmo espírito dentro de nós. Todos contemos cada um dos elementos que existem em todo lugar e em qualquer ser. Assim, também, cada um tem todos os poderes que existem em qualquer lugar e em si mesmo, embora latentes. Somos todos da mesma Fonte, somos partes de um grande Todo, somos todos centelhas e raios do Espírito Infinito ou Princípio Absoluto.

O segundo princípio é *Buddhi*, a sabedoria adquirida de vidas passadas e também nesta vida. *Buddhi* é a nata de todas nossas experiências passadas. O próximo princípio é *Manas*, a

Mente Superior, o real poder de pensar, o criador – que não se preocupa com esta fase física da existência, mas com o espírito e a sabedoria adquirida. Juntos, estes três princípios formam o Homem Real – *Atma-Buddhi-Manas* –; e cada um de nós é estes três, em sua natureza interior.

Nosso *Manas* Inferior é o aspecto transitório da mente Superior; isto é, aquela parcela da nossa atenção, dos nossos pensamentos e sentimentos, que está dedicada à vida em um corpo. Mas se a nossa função de pensar se preocupa só com o eu pessoal – apenas com o corpo – os poderes que estão na Tríade, o homem Real, e a sabedoria adquirida no passado, não podem impôr-se através desta nuvem de ilusão. *Manas* Inferior é o princípio do equilíbrio. É o lugar a partir do qual o homem que está em um corpo sobe, em direção a sua natureza superior, ou desce, em direção à sua natureza terrestre, feita pelos desejos que pertencem à natureza sensorial. A vida ao nosso redor está o tempo todo lançando sobre nós as suas impressões e suas energias. Estamos constantemente sujeitos a elas, e ligados a elas, através das nossas idéias, das nossas emoções e dos nossos sentimentos; de modo que há um constante tumulto dentro daquela mente interna, e isto constitui uma barreira à calma e à concentração absolutas.

A seguir temos o corpo astral, em si mesmo um aspecto do real corpo interno que tem durado ao longo de um vasto período de tempo, e que deve continuar até um futuro muito distante. Este corpo astral é o protótipo, ou modelo, em torno do qual o corpo físico é construído, e que, considerado do ponto de vista dos poderes, é o real corpo físico. Sem ele, o corpo físico seria apenas uma massa de matéria – um agregado de vidas menores. É o corpo astral que contém os órgãos, ou melhor, os centros a partir dos quais os órgãos têm evoluído de acordo com as necessidades do pensador interno. Os verdadeiros sentidos do homem não estão no corpo físico, mas no corpo astral. O corpo astral dura pouco mais que uma encarnação física: ele não morre quando o corpo físico morre, mas é usado como corpo no estágio imediato do pós-morte.

A partir do momento em que começamos o esforço para controlar a mente, e desejamos saber e assumir a posição do homem interno, o esforço e a atitude produzem um aumento de energia e firmeza. Fizemos com que algo começasse a acontecer no corpo astral. O que antes eram meros centros de força em torno dos quais os órgãos eram construídos, agora tendem a se tornar órgãos astrais independentes. Ocorre dentro de nós ua gradual construção destes órgãos, até que, quando se completa o esforço, temos um corpo astral com todos os órgãos do corpo físico sintetizados, e estamos além das vicissitudes da existência física; temos o poder que é a ação do corpo astral. O corpo astral é ainda mais completo e eficiente, em seu próprio plano, que o nosso instrumento corporal aqui no plano físico, porque ele tem um alcance mais amplo de ação em seus sete super-sentidos, enquanto que fisicamente só usamos cinco sentidos.

Muitos obstáculos aparecem, no entanto, assim que começa o esforço. Velhos hábitos de pensamento e de sentimento nos pressionam em todos os sentidos, porque ainda não somos capazes de controlar as nossas respostas a eles, e assim nos vemos sujeitos a certos sentimentos e emoções que tendem a destruir o corpo astral que está sendo construído. O primeiro fator, e o mais forte, é a raiva. A raiva tem um efeito explosivo, e por mais que possamos ter progredido em nosso crescimento, o choque interior incontrolável que vem da raiva irá reduzir a pedaços aquele corpo astral em construção, de modo que todo o trabalho tem de ser feito outra vez. O próximo fator a combater é a vaidade –; vaidade deste ou daquele tipo, por causa de alguma meta alcançada, ou em relação a nós mesmos, nossa

família, nosso país e assim por diante. A vaidade tende a crescer cada vez mais, até que finalmente já não escutamos ninguém, e somos tão superficiais que não podemos mais aprender coisa alguma. Assim, a vaidade tende a desintegrar este corpo interno, embora ela seja menos destrutiva que a raiva. A inveja é outro obstáculo. O medo também, mas o medo é o menor deles porque ele é sempre resultado da ignorância. Temos medo das coisas que não conhecemos; mas quando as conhecemos, não temos medo.

Todos temos medos que tendem destruir o instrumento através do qual a verdadeira concentração pode ser alcançada; mesmo assim, é possível alcançá-la. O poder e a natureza específicos da concentração estão no fato de que, quando ela é completa, podemos colocar a atenção em qualquer assunto ou objeto, com a exclusão de todos os outros, durante qualquer período de tempo; e este princípio pensante – essa nossa mente que tem estado oscilando para lá e para cá – pode ser *utilizada* para adaptar-se ao objeto observado, à natureza do objeto em que se pensa. Enquanto a mente toma a forma do objeto, nós percebemos através daquela forma as características que fluem através dela; e, quando nossa investigação está completa, somos capazes de saber tudo o que pode ser conhecido daquele assunto ou objeto.

É fácil ver que um tal nível de concentração não pode ser alcançado através de esforços intermitentes. São necessários esforços feitos a partir de “uma posição assumida com firmeza”, em relação ao objetivo buscado. Todos os esforços feitos sobre esta base estão destinados a ser úteis; cada esforço feito desde o ponto de vista do homem espiritual conta positivamente, porque torna o corpo subserviente ao princípio pensante.

Há outras coisas que surgem a partir deste verdadeiro poder de concentração. Começamos a abrir os canais que vão do nosso cérebro ao corpo astral, e do corpo astral até o ser interior. Assim, aquilo que é temporário tende a se tornar parte daquilo que é eterno. Todos os planos se tornam sintetizados de cima para baixo, e todas as vestimentas da alma, que nós produzimos ao longo do tempo, ficam em harmonia umas com as outras. É como ocorre com os mecanismos de uma fechadura: quando eles trabalham juntos, a fechadura funciona adequadamente. Assim, também, nós temos que colocar todas as camadas da alma em perfeita concordância entre si, e isso nós só podemos fazer adotando a posição de um ser espiritual, e atuando como tal.

O nível em que a concentração ocorre é possível para nós, mas não seria possível sobre uma base egoísta. A concentração da mente cerebral é tão pequena – se comparada com a verdadeira concentração – quanto a luz de uma vela diante da luz do sol. A verdadeira concentração é, em primeiro lugar, uma posição assumida a partir da meta da união com o Eu Superior. Esta é a mais alta *Ioga*. A concentração sobre o Eu Superior é a verdadeira concentração. E a concentração deve ser alcançada antes que nós possamos atingir aquele estágio em que o conhecimento eterno em todos os seus aspectos é nosso até o último grau; antes que possamos uma vez mais recuperar e dominar aqueles poderes que são uma herança de todos.

00000000000000000000

Título original do texto: “Culture of Concentration”. Traduzido da obra “The Friendly Philosopher”, de Robert Crosbie, Theosophy Company, Los Angeles, 1945, 416 pp., ver pp. 290-294. Robert Crosbie fundou a L.U.T. em Los Angeles em fevereiro de 1909.

00000000000000000000000000000000

## Joseph Campbell Erra Pela Falta de Uma Ética “O PODER DO MITO”, EM VÍDEO

Vale a pena assistir aos seis episódios do vídeo "O Poder do Mito", uma entrevista de Joseph Campbell concedida ao jornalista Bill Moyers na década de 1980. O tema é a força e o significado da mitologia nas diferentes culturas ocidentais e orientais. [1]

O vídeo contém momentos de profunda percepção da sabedoria universal. Há numerosos trechos próximos da filosofia teosófica. Campbell demonstra, ou quase demonstra, a existência de uma sabedoria comum a todos os povos. O seu ponto fraco está na sua proximidade do pensamento de Carl Jung, cuja visão é anti-teosófica e não-ética.

Embora tenha vastas áreas em comum com a teosofia, o pensamento de Campbell é tão influenciado por Carl Jung que chega a sofrer de problemas graves. Campbell condena todos os sistemas conscientes de ética, e age como se só a tradição judaico-cristã falasse de ética.

Ao abordar o Hinduísmo, Campbell ignora o conceito básico de “dharma”, dever, que também corresponde ao conceito ocidental clássico de “virtude” no sentido de “natureza essencial” de um ser.

Ao falar de budismo, Campbell ignora o essencial “Nobre Óctuplo Caminho”, o grande sistema ético da filosofia budista.

Ele ataca a Ética como se toda ética fosse necessariamente autoritária. Ele parece pensar que as tradições antigas não tinham princípios nem ensinamentos éticos.

Neste ponto, Campbell copia lamentavelmente Carl Jung, o pensador que se afastou de Freud para simpatizar com o nazismo durante a década de 1930. Campbell deveria saber que as éticas judaica e cristã possuem grande valor, assim como os sistemas éticos de todas as religiões e filosofias autênticas.

Apesar desta falha central, as passagens positivas predominam na longa entrevista de Joseph Campbell; e os defeitos são vencidos pelas virtudes. O vídeo faz com que o raciocínio do espectador se amplie e se afaste das questões menores da vida. Do ponto de vista da teosofia clássica, o diálogo com Campbell é um bom exercício prévio para ler obras como “Ísis Sem Véu” e “A Doutrina Secreta”, de Helena Blavatsky, e “O Oceano da Teosofia”, de William Q. Judge. O vídeo vale como um verdadeiro seminário. A sua série de palestras ilustradas e contos mitológicos é realmente útil.

NOTA:

[1] O vídeo “O Poder do Mito” pode ser comprado pela livraria Cultura, e reúne seis episódios em dois CDs. Há também um livro, com o mesmo título, que transcreve a íntegra da entrevista e está à venda pela editora Palas Athena, de São Paulo (242 pp., tamanho A4).

## Perguntas e Comentários: O Corpo Físico Ajuda, Ou Atrapalha?

### **Pergunta:**

Na caminhada espiritual, o corpo físico é um instrumento útil, ou um obstáculo e fonte de ilusões?

### **Comentário:**

O corpo físico é como uma tela neutra em que se imprimem os erros e os acertos, os fracassos e os progressos da alma mortal. Na mesma tela estão presentes as ilimitadas possibilidades positivas da alma imortal. Portanto, o corpo físico não é nem um obstáculo, nem uma garantia, em si mesmo, para o progresso espiritual.

Ele será instrumento de sofrimento ou de libertação, conforme for utilizado. Porque ele não passa de uma ferramenta. Essencialmente, ele não tem demandas “suas”. Tudo dependerá do carma e do dharma; da ignorância ou da sabedoria da alma que anima o corpo, isto é, da alma que faz com que ele viva e se mova.

O corpo físico é um espelho, e de nada serve reclamar do espelho. É muito melhor examinar o que está sendo refletido no espelho e tomar providências para que os erros sejam corrigidos. Quando a alma tem equilíbrio, a tendência é que o corpo tenha uma saúde razoável: "**mente sã em corpo sã**".

### **Pergunta:**

Mas o corpo é algo superior e sagrado, ou inferior e desprezível?

### **Comentário:**

Quando usado adequadamente, o corpo humano – **sthula sharira** em sânscrito – é considerado pela filosofia esotérica um templo sagrado. Usá-lo de modo errado é uma falha grave, do ponto de vista espiritual e cármico [1].

Assim como a filosofia pitagórica, a Raja Ioga ensina que o corpo físico de um ser humano contém as chaves para que a consciência individual alcance e compreenda a lei do universo. O feto e a criança humana recapitulam inconscientemente a história da vida no planeta terra, como ficamos sabendo pelo estudo de “A Doutrina Secreta”, de HPB, e das “Cartas dos Mahatmas”.

Os chacras, os centros energéticos situados ao longo da coluna central do corpo humano, são a escada de Jacó que liga céu e terra [2]. O cérebro e o coração são templos habitados pelo Espírito. Cada célula do corpo humano tem uma consciência. Cada átomo é semelhante ao sistema solar.

Assim, o corpo físico é sagrado como um auxiliar da Alma Imortal. E é assim que ele deve ser visto, compreendido e utilizado: um instrumento a serviço de algo maior. Por este motivo,



quando vemos alguém falar com desprezo do corpo físico, devemos usar nosso discernimento. Os obstáculos à felicidade humana não vêm do corpo. Eles vêm da ignorância e desinformação da alma mortal, que usa erradamente este instrumento sagrado, indispensável para o aprendizado da sabedoria. Purificando nossa alma mortal, veremos com outros olhos o corpo físico.

**Pergunta:**

Mas parece haver alguns Iniciados que falam do corpo com um aparente desprezo.

**Comentário:**

A questão é complexa. É preciso transcender o corpo, discipliná-lo, imprimir nele, como em uma tela, a vontade espiritual; mas não é correto desprezá-lo. Não há dúvida de que, nas obras de Platão, de Plotino, de William Judge [3] e de outros grandes autores, vemos a tese (budista, por sinal) de que o corpo, como todo o mundo físico, é ilusório.

Isso, porém, deve ser contextualizado. O corpo é ilusório porque é passageiro, é impermanente e precário, se comparado à alma imortal. Mas ele é o nosso instrumento prático para perceber a “música das esferas”, o ritmo do cosmo, e também para alcançar a libertação espiritual.

Buddha estava no plano físico, e meditava em um corpo físico, quando alcançou a libertação. O mesmo ocorre com cada processo de iniciação. Todos os caminhantes alcançam as suas grandes expansões de consciência durante a vida física. Mesmo que no momento exato da iniciação o corpo esteja adormecido e a alma fora dele, a iniciação só pode ocorrer durante a vida. Por todos estes motivos, o excesso de dualismo entre “corpo” e “espírito” é uma expressão da nossa ignorância espiritual. Ainda que imperfeito, o corpo é seguramente um instrumento do Espírito. A questão decisiva é saber com que grau de sabedoria nós o utilizamos em nossa vida diária.

NOTAS:

[1] Veja “Três Caminhos Para a Paz Interior”, Carlos Cardoso Aveline, Ed. Teosófica, Brasília, 2002, 191 pp., capítulo 14, “O Corpo Inseparável da Alma”, pp. 113-126.

[2] Gênesis, 28: 10-12.

[3] Em “O Oceano da Teosofia”.

00000000000000000000000000000000

## O RUMO DA VIDA DEFINE O CARMA

Podemos ler em um texto publicado recentemente em [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com) :

“Para saber se um homem é, ou tem sido feliz ou infeliz, descubra em que direção está voltada a sua vontade.” [1].

O significado da frase é claro: o carma depende do rumo da vida. Em inúmeros casos, no entanto, a vontade de um indivíduo não tem sequer uma direção definida. Sua vontade está

dividida. Uma parte dela aponta para o alto. Outra parte aponta para os apegos e as comodidades pessoais. Um terceiro setor da vontade fica oscilando ao sabor do vento, como certas birutas de aeroporto, que apenas indicam para que lado o vento toca, e, talvez, a sua velocidade.

A atual sociedade consumista **coisifica** as pessoas, manipulando-as para lá e para cá, iludindo-as com metas materiais de curto prazo, e tirando-lhes a possibilidade de definir um projeto claro para suas vidas. Por outro lado, o estudo da filosofia lhes devolve a condição plenamente humana, e lhes permite readquirir o controle do rumo da vida. Para quem deseja uma vida filosófica, uma das primeiras medidas práticas consiste em fazer coisas úteis durante o chamado tempo de “lazer”: alguns exemplos são o estudo, a meditação, o ato de escrever e de debater sobre temas relativos à sabedoria. Quando aproveitamos bem as oportunidades que já estão ao nosso dispor, podemos confiar no fato de que logo surgirão novas oportunidades diante de nós.

O estudante de filosofia deve, pois, definir – de modo gradual mas com clareza crescente – quais são o seu rumo e o seu projeto de vida. Assim, o tempo nunca passará em vão. Não haverá falta de tempo para ele, e ele terá felicidade interior.

A tradição pitagórica afirma:

**“Para o barqueiro que não sabe o rumo a seguir, todo vento é ruim”.**

Mas quando o barqueiro sabe o rumo da sabedoria, e conhece bem tanto o barco quanto o oceano, ele é capaz de avançar com seu barco veleiro na direção desejada, mesmo quando o vento é contrário. Uma vez definida a meta, basta usar corretamente os recursos que já estão ao seu alcance – e perseverar.

#### **NOTA:**

[1] Veja o texto “Para Fortalecer a Vontade”, de H.P. Blavatsky e “The Theosophical Movement”. Digite <http://www.filosofiaesoterica.com/ler.php?id=576>, para localizar o material online.

## A Arte de Usar Um Telescópio

Se alguém olha para o Sol, fica cego para o mundo físico. No plano espiritual e psicológico, se um indivíduo contempla diretamente aspectos da verdade universal, as dimensões pessoais da sua vida são pouco a pouco deixadas de lado, em troca da visão imensa do que é Inteiro e Completo. Então o indivíduo pode sentir-se estranhamente afastado dos assuntos de curto prazo que entusiasma a maioria das pessoas ao seu redor. Em alguns casos, ele pode ser visto como frio e distante, destituído de sentimentos – desumano.

Esta defasagem entre o habitante do mundo abstrato e o habitante do mundo concreto ocorre porque um telescópio não pode estar regulado para duas áreas do céu, simultaneamente. Um binóculo não pode estar preparado ao mesmo tempo para mostrar algo perto e algo distante. A mente humana é o telescópio: ela deve tirar de foco os temas menores, se quisermos que ela nos mostre os temas maiores.

Não é possível servir a dois senhores ao mesmo tempo. Nem navegar em duas canoas, nem galopar em dois cavalos, nem manter o foco central simultaneamente nos dois hemisférios cerebrais. Um hemisfério estará sempre auxiliando o outro, conforme o momento. Assim, à medida que surge a inteligência espiritual, o sujeito fica inevitavelmente “burro” diante da lógica do mundo. Por isso Sócrates, sabiamente, constatava: “Só sei que nada sei”.

O eu inferior do aprendiz abraça a simplicidade, física e emocionalmente, para que seu eu superior possa ter acesso à paz, em sua relação com o mundo. A simplicidade, e até uma certa “solidão”, são o preço a pagar pela benção de compreender o universo.

## Para Compreender Melhor a Teosofia Autêntica

# Curso de Introdução à Filosofia Esotérica

O site [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com), o boletim eletrônico “O Teosofista” e o e-grupo **SerAtento** promovem um curso à distância de sete semanas sobre a Teosofia Clássica de Helena P. Blavatsky.

Inspirado na proposta de trabalho da Loja Unida de Teosofistas, o curso será realizado através da internet e começará em sete de novembro, para terminar em 21 de dezembro.

Este será o primeiro módulo do **Curso de Introdução à Filosofia Esotérica**, e sua base bibliográfica será uma seleção de textos de [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com). As lições do curso serão mandadas por e-mail para os inscritos, duas vezes por semana. Haverá espaço para participação direta dos alunos, e talvez seja criada nas suas semanas finais uma lista de discussão específica para o curso. Antes de concluir, em dezembro, o curso abordará o lado oculto do Natal, o significado interior do Ano Novo e o mistério da passagem do tempo.

O evento também discutirá a importância do trabalho altruísta, ou Carma Ioga, para a vivência da Sabedoria. Em filosofia, egoísmo é sinônimo de cegueira. Por isso, sem uma motivação nobre, não há possibilidade de um estudo verdadeiramente esotérico. Serão abordados temas como a história do movimento esotérico, a criação em 1909 da Loja Unida de Teosofistas, e o significado da L.U.T. como uma promessa para o Brasil.

A estrutura básica do curso será via internet e à distância, mas podem ser feitos grupos locais presenciais de duas ou mais pessoas.

A inscrição será gratuita, porque, para a filosofia clássica, a sabedoria universal pertence a todos os seres e, portanto, não pode ser vendida sem que exista um processo de falsificação e distorção.

Para obter mais informações e fazer suas inscrições, os interessados podem escrever para [lutbr@terra.com.br](mailto:lutbr@terra.com.br), com cópia para [lutbr@yahoo.com.br](mailto:lutbr@yahoo.com.br).

000000000000000000



